

## **Introdução**

Quando o assunto é ensino de história, sempre aparecem questionamentos como: Para que serve estudar história? Qual a finalidade da disciplina de História? Na maioria das vezes as argumentações são do tipo; o ensino de História serve para formar cidadãos críticos e participativos na sociedade; serve para despertar a consciência coletiva e assim fomentar a solidariedade; também colabora para a reflexão da sociedade atual através da aprendizagem das sociedades passadas.

As afirmativas fazem parte do esforço de professores para valorizar a disciplina e dar sentido ao aprendizado do aluno. A abordagem histórica que permite uma reflexão através da história cultural e social, que integra a escola da Nova História, dá conta da inter-relação da história com outras áreas das ciências humanas e permite a contextualização do passado com o presente estudando temáticas antes esquecidas como estudo de gênero, família, patrimônio cultural, história regional, mundo do trabalho, sociabilidades entre outros. O pano de fundo ainda está pautado na história política e econômica porém traz para o centro das discussões temas mais instigantes, principalmente aos educandos. Dentro dessa ótica a disciplina de história colabora para formar cidadãos conscientes, reflexivos e participativos para atuarem na transformação rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. Mas por outro lado todas as disciplinas também intentam participar para a melhoria da cidadania. Temos que pensar então na especificidade da disciplina de História.

Estudamos história porque tanto individualmente como socialmente possuímos um passado. Temos consciência desse passado e de como ele faz parte de nossa identidade, de nossa formação. Um indivíduo, uma cidade, um país, uma empresa, uma instituição não são alguma coisa ou algo sem uma construção. São resultados de seus atos, seu trabalho, sua vontade, suas ações, sonhos e realizações, ou seja, resultado de sua história. A história é inerente no desenvolvimento positivo e/ou negativo de todo processo. Com isso ou por isso gostamos de história. Gostamos de História e estudamos história como disciplina para interpretar esse passado, para manter nossa memória, afirmar nossa identidade e, enfim, ser o

---

<sup>1</sup> Professora Doutor em História. Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT

que somos, tanto pessoal como socialmente. Portanto é mais do que aprender história, se trata da busca de uma aprendizagem histórica.

### **Estudo da História por projeto**

Na disciplina de história a busca de conhecimento de um passado e de como ele ainda interfere no nosso cotidiano é constante. Uma forma didática de viabilizar essa é através do estudo por projetos.

O estudo por projeto surge de um questionamento, de uma necessidade de saber que pode iniciar tanto de proposições do aluno quanto do professor. O sucesso de um projeto está em sua base, qual seja; inicia de uma curiosidade que leva a necessidade de saber e de compreender uma dada realidade. Também deve se ter em mente que um projeto de trabalho precisa vincular a teoria à prática. De uma forma geral um projeto busca a abordagem de um sentido da globalização em que as relações entre as fontes de informação e os procedimentos para compreendê-las e utilizá-las sejam levadas adiante pelos alunos, e não pelo professor, como acontece nos enfoques interdisciplinares. Além disso introduzi uma nova maneira de fazer do professor, na qual o processo de reflexão e interpretação sobre a prática seja a pauta que permitisse ir tornando significativa a relação entre o ensinar e o aprender e com isso gera uma série de mudanças na organização dos conhecimentos escolares.

Todos os assuntos de um componente curricular podem ser ensinados por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto. Contudo, isso não quer dizer que todo conhecimento obrigatoriamente seja construído por meio da aplicação da pesquisa. O projeto não exclui a aula expositiva, os trabalhos individuais e em grupo e a participação em seminários, ou seja, que se estude em diferentes situações. Convém lembrar que o docente não é o único responsável pela atividade que se realiza em sala de aula, mas também o grupo/classe tem um alto nível de implicação, na medida em que todos estão aprendendo e compartilhando o que se aprende. As aulas podem ser trabalhadas por diferentes possibilidades atendendo os interesses dos alunos em sala de aula, de forma que ninguém fique desconectado e cada um encontre um lugar para sua implicação e participação na aprendizagem.

As principais vantagens de se trabalhar através de projeto é que a aprendizagem passa a ser significativa por ser centrada nas relações e nos procedimentos. Uma vez

identificado o problema e formuladas algumas hipóteses, é possível traçar os passos seguintes: definição do material de apoio para a pesquisa, que será utilizado para a busca de respostas, de confirmação ou não das hipóteses levantadas. As ações a serem desenvolvidas serão determinadas pelo tipo de pesquisa. A socialização dos resultados é parte fundamental de um projeto e é de suma importância para os membros que participaram da pesquisa, a construção da integração entre os pesquisadores e a comunidade.

Encerradas as atividades de desenvolvimento, não se deve fugir da avaliação, pois é aqui que serão focalizados os acertos e erros, que servirão de instrumento para novos aprendizados, com o objetivo principal de sempre querer fazer melhor.

### **A diversidade Cultural do vale do Paranhana**

No PIBID 2014 subprojeto História desenvolveu-se o Projeto Diversidades no Vale do Paranhana. O projeto está embasado na teoria da micro-história que permite abarcar a história social e cultural.

Ao trabalharmos um recorte regional/local temos que ter algumas reflexões, como não restringir o estudo somente à realidade imediata, não ficar no reducionismo, observar que a realidade local não se explica por si mesma, integra um contexto macro. Por outro lado, é possível afirmar que o conhecimento local permite a problematização histórica no contexto, o que é, alias, indispensável à formação de consciência histórica enquanto grupo social com laços identitários e relacionais. É na comunidade que o indivíduo

A inserção de uma determinada localidade em um padrão de referência mais amplo permite a associação do indivíduo — e da coletividade — com a consciência de ser brasileiro, por exemplo, latino-americano e até mesmo um cidadão preocupado com as questões mundiais. Portanto o trabalho com história local no ensino possibilita a construção de uma história mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades. E como estratégia de aprendizagem, o trabalho com a história local pode garantir controles epistemológicos do conhecimento histórico, a partir de recortes selecionados e integrados ao conjunto do conhecimento.

Na sua essência a abordagem histórica local através de temática “diversidade cultural” permitiu uma problematização dos objetos de estudo da história. A questão da problematização na história encontrou respaldo nas últimas décadas do século XX.

Questões que até então só eram debatidas no ensino superior chegaram a educação básica, e necessariamente tiveram que ser mediadas pela ação pedagógica de professores que não se contentavam mais em ser apenas reprodutores dos livros didáticos e de pressuposto estabelecidos como verdade por décadas. Para tal prática foi necessário haver um redimensionamento da figura do professor e este passou a ser um pesquisador como uma medida das investigações para suas intervenções no processo ensino/aprendizagem. Da mesma forma o acadêmico Pibid sub projeto História saiu a campo investigando o seu objeto antes de planejar suas aulas.

Na sala de aula, como vimos na abordagem sobre estudos por projeto, é possível trabalhar qualquer tema, o desafio está em como abordá-lo com cada grupo de alunos e em especificar o que podem aprender dele. A partir dessa premissa cada tema se estabelece como um problema que deve ser resolvido, a partir de uma estrutura que deve ser desenvolvida e que pode encontrar-se em outros temas ou problemas.

Um aspecto importante é a capacidade do historiador em problematizar, nas múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço. Segundo Lucien Febvre, “ A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais (...). Organizar o passado em função do presente: Assim se poderia definir a função social da história.”(1949, p. 438) Pode-se concluir também que a razão de ser do estudo da história é a capacidade e até a necessidade de memória que os indivíduos e as sociedades possuem.

O que sobrevive enquanto memória coletiva de tempos passados não é o conjunto dos monumentos e documentos que existiram, mas o efeito de uma escolha realizada pelos historiadores e pelas forças que atuaram em cada época histórica. Neste contexto está muito presente a valorização do Patrimônio Histórico e Cultural. O patrimônio é visto como herança de várias gerações, como acervo que carrega consigo a história da civilização humana, sua memória e identidade, deve ser preservado pela manifestação da consciência da população. Cabe a cada geração valorizar e aumentar este patrimônio e conservá-lo para que faça parte da vida das novas gerações.

A busca da preservação de nossa identidade cultural é o objetivo primeiro de toda política de preservação dos bens culturais. Por certo o trabalho da memória e do patrimônio faz parte da atuação do professor/historiador na escola. Porém Museus, Centros de culturas, Fundações culturais, Centros de memórias (memoriais) e

instituições públicas e privadas buscam cada vez mais os profissionais da história para embasar suas atividades de modo a contemplar a trajetória de suas comunidades e preservar a memória através dos bens materiais e imateriais. A este trabalho segue o de difusão do acervo cultural, seja através da organização de exposições e memoriais, arquivo de dados para pesquisas ou publicações impressas, cds ou *on line* e em projetos de estudos com a educação básica.

O trabalho do professor historiador consiste em atuar para que haja a valorização do patrimônio sociocultural e o respeito à diversidade, reconhecendo-os como um direito dos povos e indivíduos e como elemento de fortalecimento da democracia. Isto resume a ideia de que a história é uma construção da sociedade como um todo, com a participação de cada indivíduo. A nova abordagem da história valoriza e interpreta a história regional e local, a história das minorias, dos excluídos, dos grupos étnicos, e de tantos outros lhes dando identidade e recuperando a autoestima das populações e inserido-as em um contexto mais amplo da história nacional e geral (universal). Uma das formas de valorização é o reconhecimento do patrimônio cultural.

Sendo assim ao fazer a transposição didática do saber histórico para o saber escolar, escolheu-se um tema que contemplasse o estudo dos conteúdos sobre a formação e a realidade dos municípios do vale do Paranhana envolvidos no projeto. Essa relação espaço-temporal envolveria a problematização histórica. Optou-se pelo estudo do Patrimônio Histórico material e imaterial. E dentro desta perspectiva;

Por educação patrimonial, entende-se a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas - os lugares e suportes da memória- no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros cidadãos da importância da preservação desses bens culturais. Qualquer cidadão que vagar pelas ruas de sua cidade, sobretudo os mais velhos, terá, com certeza, uma sensação de perda: poucos referenciais históricos resistiram à ação do tempo. Outros foram destruídos em nome de uma concepção desenvolvimentista do progresso e do lucro fácil e imediato, respaldado na especulação imobiliária, na lógica do capitalismo. ( Ricardo Oriá: 2005, p.139-141).

Utilizamos além da observação como meios didáticos os Inventários do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Cultural de Taquara e Igrejinha<sup>2</sup> e o acervo do

---

<sup>2</sup> Inventário do Patrimônio de Taquara. Faccat e Prefeitura Municipal de Taquara. 2013.  
Inventário do Patrimônio de Taquara. Faccat e Prefeitura Municipal de Igrejinha. 2009.

MARSUL<sup>3</sup>. Mas por que Patrimônio Histórico? A resposta está na concepção do que o patrimônio representa. A definição diz:

“[...]é o conjunto de bens culturais, materiais e imateriais, que possuem valores artísticos, científicos ou associativos e que definem, em diferentes escalas, a identidade de uma comunidade, um Estado ou uma Nação e que devam ser preservados como legados às futuras gerações”<sup>4</sup>.

Muitos dos nossos objetos pessoais, a casa, a cidade, e tantas outras referências, são legados do passado, acompanhados por inúmeras informações e ideias que conformam nosso cenário no presente. Alguns destes objetos constituem testemunho de situações passadas e podem ser considerados pontes que ligam ao presente, permitindo identificar as mudanças produzidas numa continuidade histórica. Constituem nossa herança individual. Cada comunidade, em extensão, recebe a sua herança.

### **A metodologia**

Inicialmente os acadêmicos fizeram uma pesquisa sobre a história e a realidade do Vale do Paranhana. Identificaram os aspectos geográficos, a constituição político-administrativa, a formação histórica, a composição étnica, os costumes e tradições de sua população. Posteriormente cada grupo de dois ou três acadêmicos elaborou um projeto para ser desenvolvido na escola de atuação do pibid.

Dentro do projeto Diversidades no Vale do Paranhana optou-se pelos aspectos culturais das diversas etnias que formaram e compõem o vale. Na região do Paranhana optamos por estudar os municípios de Taquara, Igrejinha e Parobé, municípios onde se localizam as escolas do programa. O vale está localizado na Encosta Inferior do Nordeste do Rio Grande do Sul apresentado um relevo característico de encosta de serra, cortado por um rio e cercado por morros. Além dos aspectos geográficos e da proximidade física os municípios tem em comum a ocupação demográfica. Anteriormente formavam o município de Taquara do Mundo Novo que fora colonizado a partir de 1886 por imigrantes alemães, dentro do projeto nacional de colonização do Brasil da época. Não podemos esquecer que nesse espaço havia uma

---

<sup>3</sup> MARSUL – Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> IPHAN – 2007

população indígena. Já os negros foram introduzidos na região como escravos nas antigas fazendas. Mesmo os imigrantes alemães ou descendentes ocuparam a mão de obra servil negra. Todas as etnias promoveram o desenvolvimento regional, mas no campo da cultura a da imigração alemã foi preponderante por motivos ideológicos e ou políticos sociais. Buscamos através das atividades no PIBID difundir, estudar e valorizar as contribuições culturais de todas as etnias que formaram (e formam) o Vale do Paranhana.

Uma vez estudada a história da região e feito o diagnóstico identificando o perfil das escolas do programa iniciou-se a fase de planejamento visando os alunos das referidas escolas. Levou-se em conta a série, a faixa etária, o quadro socioeconômico em que estavam inseridos e os interesses culturais e de lazer.

As atividades foram pautadas em visitas aos prédios históricos. Antes dos passeios os alunos estudaram através de fotos antigas e atuais as mudanças e permanências nas cidades. Apontaram os aspectos positivos e negativos de algumas alterações. Foram elaborados jogos como quebra-cabeças e dominós com as imagens. Também fizeram releituras com desenhos e pinturas dos prédios e espaços públicos. Essas atividades serviam para chamar a atenção aos detalhes que muitas vezes passam despercebidos pelos cidadãos moradores. Após os estudos em sala de aula era então realizado o passeio guiado pelos acadêmicos que contavam a história dos prédios no contexto da história da cidade.

Também se buscou associar diretamente o conteúdo de história regional e nacional com a história local. Em visitas aos prédios históricos era possível fazer uma contextualização com a Proclamação da República no Brasil, o urbanismo do século XIX, a imigração e colonização e à escravidão. Também à história geral como, por exemplo, a Revolução Industrial (em visitas aos prédios históricos que foram anteriormente indústrias exportadoras) e a Reforma Luterana (tendo em vista a forte presença luterana na região, concretizada nas construções das igrejas e casas de diaconisas Luteranas).

Outra atividade significativa foram as visitas aos Museus da região como o Museu de arqueologia do Rio Grande do Sul – Marsul – e Museu do Imigrante de Igrejinha (voltado à memória da imigração alemã). A visita era previamente estudada. O

trabalho nos museus seguiu as etapas recomendadas pela educação museológica (IPHAN, 2007):

<b>Etapas</b>	<b>Recursos / atividades</b>	<b>Objetivos</b>
1. Observação	Exercícios de preparação visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação do objeto/ função/ significado;</li> <li>- Desenvolvimento da percepção visual e simbólica.</li> </ul>
2. Registro	Desenhos, descrição visual ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica;</li> <li>- Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.</li> </ul>
3. Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais,	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.</li> </ul>

	entrevistas...	
4. Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme, vídeo ...	- Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

A partir dessas premissas os acadêmicos desenvolveram as atividades que estão relatadas por eles.

### **Conclusão**

A disciplina de História e o estudo da história deve ser como as outras disciplinas, significativa para os alunos. A aprendizagem histórica busca trazer essa significância pois através dessa abordagem o aluno também passa a fazer parte do processo junto com o professor e o conteúdo. Nesse processo de pesquisa e significados o aluno se descobre como sujeito da história.

Uma metodologia eficiente é o estudo por projeto. Em um projeto tanto o professor como o aluno, e até a comunidade escolar, se tornam pesquisadores compreendendo, através da problematização e da equalização dos mesmos, a sua realidade sendo esta resultado do processo histórico. Assim no PIBID do subprojeto História 2014 optou-se pelo estudo Diversidade no Vale do Paranhana. Esse tipo de estudo permitiu várias abordagens de enfoques sendo que o fio condutor foi o Patrimônio Histórico e Cultural. No campo da teoria pautamos nossos estudos pela micro-história e pela história social e cultural. O resultado foi a participação/atuação dos envolvidos; alunos, comunidade escolar, professores (acadêmicos do PIBID e supervisores) e até mesmo a comunidade local que participou recebendo os alunos nas

visitas guiadas nos espaços selecionados (prédios, museus...) e participando com informações nas entrevistas agendadas.

O projeto se desenvolveu muito satisfatoriamente alcançando resultados que ainda terão desdobramento, pois não se encerra com os conteúdos desenvolvidos. Esse é alias o grande potencial de estudos por projetos.

## Bibliografia

BARROS, José D' Assunção. *O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CORSETTI, Berenice; PADRÓS, Enrique Serra; RODRIGUES, Gabriela; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; BARROSO, Véra Lucia Maciel (orgs.). *Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar*. Porto Alegre: EST, 2002.

FEBVRE, Lucien. *Olhares sobre a História*. Portugal: Asa, 1996.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a09v2567.pdf>

GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. *Jogos e Ensino de História*: Porto Alegre: Evangraf, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e Mudança na Educação os projetos de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs.). *Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

MOTA, Anamélia Custódio. “Educação, leis e planos, saberes e práticas”, Tauá, CE. Projeto Pedagógico publicado na edição nº 373, jornal Mundo Jovem, fevereiro de 2007, página 7. Disponível em <http://www.mundojovem.com.br/projetos-pedagogicos/projeto-projetos-e-interdisciplinaridade>

NIKITIUK, Sônia (org.). *Repensando o ensino de História*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINSKY, Jaime. *Por que gostamos de História?*. São Paulo: Contexto, 2013.

Portal do IPHAN. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/livrariaVirtual?pagina=5>

REINHEIMER, Dalva; NEUMANN, Rosane Marcia. *Patrimônio Histórico nas comunidades Teuto-Brasileiras: história, memória e preservação*. São Paulo: Oikos, 2014.

\_\_\_\_\_ ; GEVEHR, Daniel; FERNANDES, Doris Rejane; SMANIOTTO, Elaine; DIAS, Jefferson Luciano Zuch; MEYRER, Marlise Regina. *Caminhando pela cidade: apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos*. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria (orgs.). *O ensino de História: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos*. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012.

SILVEIRA, Eder da Silva (org.). *Ensino de História, História oral e Museologia: reflexões para a sala de aula*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

The council for Museums. Tradução de O. Santos e Patricia Souza. *Museologia: Roteiros práticos*. 2004. São Paulo. Ed da Unisp. Vol; 5, 7 e 8.